

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
FACULDADE DE LETRAS

AS OPRESSÕES DA MULHER VITORIANA EM *A SENHORA DE WILDFELL HALL*

Beatriz Helena dos Santos Pereira

Rio de Janeiro

2023

BEATRIZ HELENA DOS SANTOS PEREIRA

AS OPRESSÕES DA MULHER VITORIANA EM *A SENHORA DE WILDFELL HALL*

Monografia submetida à Faculdade de Letras da
Universidade Federal do Rio de Janeiro como
requisito parcial para obtenção do título de
Bacharel em Letras: Português-Inglês.

Orientador: Prof. Dr. Thiago Rhys Bezerra Cass

RIO DE JANEIRO

2023

CIP - Catalogação na Publicação

P436o Pereira, Beatriz Helena dos Santos
As Opressões da Mulher Vitoriana em A Senhora de
Wildfell Hall / Beatriz Helena dos Santos Pereira.
- Rio de Janeiro, 2023.
27 f.

Orientador: Thiago Rhys Bezerra Cass.
Trabalho de conclusão de curso (graduação) -
Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade
de Letras, Bacharel em Letras: Português - Inglês,
2023.

1. Romance Vitoriano. 2. Violência de Gênero. I.
Cass, Thiago Rhys Bezerra, orient. II. Título.

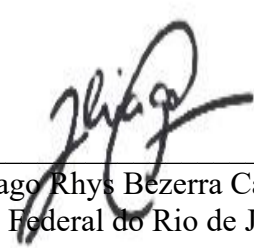
FOLHA DE AVALIAÇÃO

BEATRIZ HELENA DOS SANTOS PEREIRA

DRE: 118022025

AS OPRESSÕES DA MULHER VITORIANA EM *A SENHORA DE WILDFELL HALL*

Monografia submetida à Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Letras: Português-Inglês.



Prof. Dr. Thiago Rhys Bezerra Cass (Orientador)
Universidade Federal do Rio de Janeiro

NOTA: 9,0



Prof.ª Dr.ª Mariana Patrício Fernandes (Leitora crítica)
Universidade Federal do Rio de Janeiro

NOTA: 10,0

MÉDIA: 9,5

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, Augusto Cesar e Maria Sandra, a quem admiro pela determinação e a quem agradeço por colocarem meus sonhos e objetivos a frente de seus próprios. Pais que, a todo momento, me motivam com suas palavras gentis e me dão força para seguir em frente com o amor incondicional que recebo, e que, sobretudo, me fizeram amar a leitura quando me levavam para ler nas poltronas de livrarias quando criança.

A Amanda, minha irmãzinha, cujo encantamento por tudo que sou me causa profundo anseio de continuar sendo, por ser para mim sinônimo de conforto e carinho, por me ensinar como há beleza na vulnerabilidade.

Ao meu amor, Marcos, a quem dispensei adjetivos tamanha extensão da lista deles, por me amar e admirar como a mulher que sou, por acreditar em mim até mesmos nos momentos em que eu não acredito, e por me encorajar a almejar minha melhor versão ao mesmo tempo que me alenta para acolher orgulhosamente a versão possível.

Ao meu querido avô, Iseu, que celebrou o meu ingresso na UFRJ junto a mim fisicamente, mas não poderá celebrar minha conclusão desse incrível ciclo da mesma maneira, obrigada por estar sempre comigo e em quem sou.

Ao meu orientador, Thiago, por me presentear com leituras e ensinamentos que abriram meus horizontes com tanta atenção e humanidade, e por me guiar deferentemente.

Por fim, ao impulso que existe em minha alma, que me liberta de minhas limitações.

RESUMO

Esta monografia tem como objetivo principal analisar as opressões vividas por Helen Huntingdon no romance *A Senhora de Wildfell Hall* (1848), da escritora inglesa Anne Brontë. A análise será feita de modo a acompanhar a trajetória e as violências experimentadas pela protagonista bem como as características combativas da personagem Helen Huntingdon, a partir da perspectiva do narrador Mr. Markham. O trabalho objetiva, também, mostrar como o patriarcado, no século XIX, era muito presente no cotidiano das mulheres por meio de dinâmicas como o casamento, e também através dos costumes Vitorianos, que limitavam as atividades remuneradas desempenhadas pelas figuras femininas, e cerceavam as suas liberdades, e como as mudanças sociais ocorreram com o tempo.

Palavras-chave: A Senhora de Wildfell Hall. Anne Brontë. Romance. Século XIX. Violência de Gênero.

ABSTRACT

This monograph aims to analyze the oppressions experienced by Helen Huntingdon in the novel *The Tenant of Wildfell Hall* (1848), by Anne Brontë. The analysis will be carried out following the trajectory and the violence experienced by the protagonist, as the combative characteristics of character Helen Huntingdon, from the point of view of the narrator Mr. Markham. It also intends to show how patriarchy, in the 19th century, was very present in women's daily lives through different dynamics, such as marriage, and also through Victorian morals, which limited paid activities carried out by female figures, and restrict their freedoms, and how social changes occurred over time.

Keywords: The Lady of Wildfell Hall. Anne Brontë. The Novel. 19th century. Gender Violence.

SUMÁRIO

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS.....	7
2 HELEN HUNTINGDON.....	10
3 A PINTURA COMO PROFISSÃO DE HELEN.....	14
4 O CASAMENTO PARA AS MULHERES VITORIANAS.....	19
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	25
REFERÊNCIAS.....	27

1

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A Senhora de Wildfell Hall, publicado por Anne Brontë, em 1848, sob o pseudônimo de Acton Bell, desafiou as convenções sociais presentes e reproduzidas na Inglaterra da Era Vitoriana, que restringiam as mulheres ao ambiente doméstico. No objeto de análise desta monografia, Helen Huntingdon, a protagonista da obra, rompe com as expectativas de se alinhar aos protocolos sociais da época e é apresentada pela autora como uma personagem que está conquistando a sua independência, em diversos aspectos, por meio da sua própria arte.

O presente trabalho visa dissecar, destacando os principais aspectos e características da protagonista, as opressões que saturam a trajetória de Huntingdon. Helen é sistematicamente silenciada, em primeiro lugar pela sociedade, ao viver sob regras sociais sem o direito de reivindicar seus desejos, em segundo lugar por seu marido, Arthur, com quem tem um casamento carregado de violências: física, psicológica e financeira. Porém a nuance mais difícil de ser notada é como o narrador, Mr. Markham, assim como outros personagens masculinos presentes na obra, silencia Helen com tentativas frequentes de interpretar as pinturas dela através de uma perspectiva biográfica, julgando o trabalho da artista mesmo quando uma opinião acerca dele não foi solicitada.

Em suma, de acordo com Antonia Losano (2003), autora de *The professionalization of the Woman Artist in Anne Brontë's Tenant of Wildfell Hall*, o romance explora uma estética feminista sofisticada, que termina sua expressão narrativa na profissão da heroína. Ademais, Anne foi muito ignorada pela crítica provavelmente pelo fato de que sua obra tratava de temas polêmicos diante da opinião pública, como alcoolismo e independência feminina.

Anne and Emily, in particular, examine violence in their fiction. Anne's two novels, however, present the brutal realities of women's lives and the difficulties of family life with more realism than her sisters' gothic *Wuthering Heights* or romantic *Jane Eyre*. This also accounts for a great deal of Anne's status as the more neglected Brontë sister: she was speaking an "unpalatable truth" that many would have liked to ignore (40). Until the rise of feminist scholarship in the 1970s and 1980s, it was easier for critics to overlook a novel about a bad marriage that highlighted the problems of Victorian women under an oppressively patriarchal Society (Talley, 1964, p. 10).

A *Senhora de Wildfell Hall* configura uma narrativa acerca da trajetória de Helen, uma mulher que em meio a um casamento fracassado passa a ser figura central de sua própria história. A metamorfose na trajetória da protagonista ocorre a partir do momento em que ela começa a habitar *Wildfell Hall* e exercer a pintura como ofício. É fundamental ter em mente

que na Inglaterra, em um período específico do século XIX, os aspectos da figura feminina enquanto artista mais focalizados pela sociedade eram as questões biográficas, ou seja, relacionadas à vida pessoal da mulher e não a suas produções artísticas como produto cultural. Segundo Losano (2003), o desejo de Helen de desassociar sua arte de sua vida pessoal ocorre de modo que as iniciais falsas e o título falso, lidos metaforicamente, separam a protagonista de qualquer envolvimento pessoal e emocional com sua arte: ela recortou totalmente a conexão afetiva entre artista e trabalho e a conexão semiótica/mimética entre nome e lugar.

One word more, and I have done. Respecting the author's identity, I would have it to be distinctly understood that Acton Bell is neither Currer nor Ellis Bell, and therefore, let not his faults be attributed to them. As to whether the name be real or fictitious, it cannot greatly signify to those who know him only by his works. As little, I should think, can it matter whether the writer so designated is a man, or a woman as one or two of my critics profess to have discovered. I take the imputation in good part, as a compliment to the just delineation of my female characters; and though I am bound to attribute much of the severity of my censors to this suspicion, I make no effort to refute it, because, in my own mind, I am satisfied that if a book is a good one, it is so whatever the sex of the author may be. All novels are or should be written for both men and women to read, and I am at a loss to conceive how a man should permit himself to write anything that would be really disgraceful to a woman, or why a woman should be censured for writing anything that would be proper and becoming for a man. (Brontë, 1848, p. 40).

A obra foi escrita na Era Vitoriana, período que abrange o tempo de reinado da Rainha Vitória, que perdurou de 1837 a 1901. Durante o reinado da monarca, a burguesia inglesa aflorou seu moralismo, e o matrimônio e a formação de família eram um objetivo a ser alcançado. A relativa estabilidade política provia tempo para a dedicação aos assuntos em questão, e era importante que uma identidade nacional e de classe fosse estabelecida. De acordo com Richardson (2013), Simon Morgan afirmou que as mulheres desempenharam um papel importante na formação da identidade pública da classe média vitoriana, desenvolvendo uma nascente consciência cívica. Simultaneamente às opressões vividas de modo sistemático, há uma movimentação das mulheres vitorianas, assim como há em Helen, a fim de gerar certas mudanças políticas e sociais no que tange tanto a esfera pública quanto a doméstica, o que fez com que esse período também ficasse conhecido pelos avanços que foram conquistados advindos dessas lutas.

The worlds of middle-class women in Victorian Britain did not revolve merely around the home, church, or chapel. Their active citizenship took many forms from politically-inspired consumption to the rough and tumble of electoral politics. They were present in many key political sites from polling booths to Parliament. They assumed authority in their homes, local communities, and often in national and international arenas, based on their knowledge and practical expertise. Although there were limits to their worlds, and some spaces had to be navigated with caution, there were very few areas where they were totally excluded. In this transformative period, women were forging new political identities, and performing an important role in the development of political culture (Richardson, 2013, p. 195).

O presente trabalho analisa as nuances da relação entre a personagem Helen e sua profissão, a pintura, a sociedade e sua própria existência enquanto mulher e mãe no contexto histórico e literário em questão. Essa análise atravessa temas como a materialização do patriarcado na vida cotidiana e a imposição de papéis de gênero. como confirma Talley: “Brontë examina as dificuldades das mulheres vitorianas em uma sociedade patriarcal em que o sistema legal foi projetado para privilegiar os homens no poder” (1964, p. 20).

Nesse sentido, o romance expõe a perspectiva de Anne Brontë em relação aos temas expostos, e através deste estudo busca-se entender mais amplamente o trabalho da autora, contribuindo para o debate da emancipação feminina.

How twenty-first-century readers respond to the issues of faith, feminism, class, narrative structure, alcoholism, or art depends upon their political and intellectual orientation. Most will agree, however, that *The Tenant of Wildfell Hall* is a gripping tale, powerfully recounted, whose pedagogical power has not diminished over time (Talley, 1964, p. 31).

A trajetória de Helen é interessante pelo aspecto pedagógico em si. A força e autonomia que a protagonista apresenta para sair de uma situação em que não queria mais estar para uma em que a faz mais feliz e realizada pode ser lida como inspiradora por muitos.

2

HELEN HUNTINGDON

A protagonista da narrativa é retratada como uma mulher corajosa e multifacetada que, com determinação, contesta as convenções sociais da Era Vitoriana. Apesar de ser introduzida como uma personagem recém-casada com um homem cativante, Arthur Huntingdon, seu marido, se mostra um homem alcoólatra e infiel após o casamento. Por esse motivo, Helen demonstra tamanha deliberação ao fugir para proteger a si mesma de diversos tipos de violência, e ao filho do casal de um futuro parecido com o do pai.

A personagem é introduzida ao interlocutor não por ela mesma, mas sim por Mr. Markham, que possui uma perspectiva sobre ela muito diferente da dos outros membros da sociedade e também da que ela tem sobre si mesma. O fato de o romance ser narrado por um homem, independentemente do quão conservadora é sua perspectiva, é no mínimo contraditório. Apesar de Helen apresentar atributos como, por exemplo, autenticidade e audácia, das variadas nuances captadas por ela e da complexidade que cerca não só a ela, como também os temas abordados que permeiam a sua rotina e a de outras mulheres na trama, é um homem quem detém a autoridade narrativa. Pode, inclusive, parecer irônico o fato de que em meio a sua busca interminável por emancipação a protagonista seja vista através da perspectiva de alguém que não a compreende. Gilbert, apesar de amá-la, não consegue entender o que ela é, o que ela quer, e, principalmente, não é capaz de captar a essência de Huntingdon como artista. Essa falta de sensibilidade com relação a Helen ocorre principalmente porque a personagem é rodeada por questões e imposições sexistas que não pertencem às vivências de Markham, que a enxerga com frequência por uma ótica comum ao universo masculino, que frequentemente inferiorizava mulheres em todas as esferas, independentemente de seus sentimentos por ela.

But I could not help stealing a glance, now and then, from the splendid view at our feet to the elegant white hand that held the pencil, and the graceful neck and glossy raven curls that drooped over the paper. "Now," thought I, "if I had but a pencil and a morsel of paper, I could make a lovelier sketch than hers, admitting I had the power to delineate faithfully what is before me." (Brontë, 1848, p. 85).

Quando chega a Wildfell Hall, propriedade isolada onde se abriga, Helen aguça a curiosidade do corpo social local. De acordo com Losano (2003), ela busca contato com um mundo maior do que apenas o que lhe foi apresentado. Esse mundo, tido como proibido, é

representado na obra como a comercialização de suas pinturas, meio pelo qual Helen exerce uma atividade remunerada, utilizando a arte como recurso para prover seu sustento, o que desafia as regras sociais do período em questão, em que as mulheres pertencentes à classe social de Helen deveriam ser providas pela figura masculina mais presente em seu convívio, no caso da personagem, seu marido, Arthur.

Victorian ideas of proper femininity circumscribed what women could do artistically, and they also shaped women's economic position since these ideals prohibited middle- or upper-class women from playing an active role in the business world. Thus, while Helen's brother sells her paintings because of her wish to remain hidden from her husband, some man would have had to sell her work regardless. A woman of Helen's station would not have engaged in that kind of exchange (Talley, 1964, p. 25).

O entendimento de que Helen é uma mulher com comportamentos e pensamentos pouco convencionais quanto aos ideais feministas modernos se dá quando ela demonstra sua coragem ao desejar dinheiro e sucesso, o que não era tolerado pela sociedade, já que essas aspirações eram reservadas ao universo masculino. Desse modo, a personagem desafia os papéis de gênero e rompe com as normas impostas pelo patriarcado. De acordo com o texto, o grande gancho da obra é que Helen não é paciente (objeto estético), mas sim agente (produtora criativa e artista), e apesar dos julgamentos feitos em relação à vida incomum levada por ela, Huntingdon permanece sempre fiel a sua busca por emancipação.

Well, but you affirm that virtue is only elicited by temptation;—and you think that a woman cannot be too little exposed to temptation, or too little acquainted with vice, or any thing connected therewith.—It must be, either, that you think she is essentially so vicious, or so feeble-minded that she cannot withstand temptation,—and though she may be pure and innocent as long as she is kept in ignorance and restraint, yet, being destitute of real virtue, to teach her how to sin, is it at once to make her a sinner, and the greater her knowledge, the wider her liberty, the deeper will be her depravity,—whereas, in the nobler sex, there is a natural tendency to goodness, guarded by a superior fortitude, which, the more it is exercised by trials and dangers, is only the further developed— (Brontë, 1848, p. 60).

A pressão colocada nas mulheres pelo patriarcado acerca do que uma mulher deveria ou não ser, fazer e desejar é a todo momento colocada sobre Helen por diversas outras figuras presentes na obra. Porém fica evidente a contestação e indignação constante da protagonista com relação a essas imposições sociais.

No; you would have her to be tenderly and delicately nurtured, like a hot-house plant—taught to cling to others for direction and support, and guarded, as much as possible, from the very knowledge of evil. But will you be so good as to inform me, why you make this distinction? Is it that you think she has no virtue? (Brontë, 1848, p. 60).

Essa perspectiva de Helen acerca das expectativas geradas ao redor de uma mulher também se aplica ao que era esperado de uma esposa:

Judging from appearances, his idea of a wife, is a thing to love one devotedly and to stay at home—to wait upon her husband, and amuse him and minister to his comfort in every possible way, while he chooses to stay with her; and, when he is absent, to attend to his interests, domestic or otherwise, and patiently wait his return; no matter how he may be occupied in the meantime (Brontë, 1848, p. 220).

Como mulher, Helen luta pelo direito de ter sua arte reconhecida, mesmo que a falta de reconhecimento ocorra repetidamente ao longo da obra, já que Arthur, e até mesmo Gilbert, têm projeções biográficas e sentimentais acerca de seu trabalho, que nunca é analisado em termos formais. Como artista, ela luta contra o preconceito de gênero dentro da área, e de acordo com Losano (2003), ao despersonalizar sua própria relação com a pintura, a personagem paradoxalmente reivindica para si a posição de artista e não de mera registradora de emoções pessoais. Ela explicita que Markham só a conheceria de verdade se lesse seu diário e soubesse de todas as suas versões, o que inclui a versão artista, mostrando que esse aspecto de seu próprio ser é igualmente importante. “The novel seems to assert the possibilities of some type of transformation through reading, because reading Helen’s testimony in her diary makes Gilbert Markham more aware of how difficult the patriarchal structure of society could be for Victorian women.” (Talley, 1964, p. 19).

Ademais, Helen é uma personagem que vive em uma situação de abuso no casamento, tendo sua autoestima minada e seus sentimentos diminuídos pelo marido, que é a pessoa mais próxima a ela no dia a dia.

The truth is, Arthur,” I said at last, “you are weary of my company, and determined not to have me with you. You might as well have said so at once.” He denied it; but I immediately left the room, and flew to the nursery to hide my feelings, if I could not soothe them, there. I was too much hurt to express any further dissatisfaction with his plans, or at all to refer to the subject again, except for the necessary arrangements concerning his departure and the conduct of affairs during his absence, — till the day before he went, when I earnestly exhorted him to take care of himself and keep out of the way of temptation. He laughed at my anxiety, but assured me there was no cause for it, and promised to attend to my advice (Brontë, 1848, p. 221).

Em suma, Anne Brontë lança luz sobre uma personagem muito comum à época, mas também aos dias atuais. A mulher que, apesar de ter sua liberdade cerceada pela sociedade, e sua existência na dinâmica capitalista resumida às convenções patriarcais, se mantém em defesa do ideal de que mulheres são livres para viver de acordo com suas próprias escolhas e aspirações. Helen é uma inspiração para diversas figuras femininas, pois abraça sua versatilidade e está sempre em busca de dar fim às limitações impostas a ela. Além disso, a obra tem uma essência encantadoramente honesta acerca dos temas tratados, o que é inclusive ressaltado pela autora: “My object in writing the following pages, was not simply to amuse the Reader, neither was it to gratify my own taste, nor yet to ingratiate myself with the Press and

the Public: I wished to tell the truth, for truth always conveys its own moral to those who are able to receive it.” (Brontë, 1848, p. 39).

3

A PINTURA COMO PROFISSÃO DE HELEN

Para efeitos de contextualização, é significativo mencionar que, de acordo com Talley, na Era Vitoriana a maioria dos artistas almejava aprendizado formal, em contato com técnicas e história da arte, porém, em sua maioria, esses ensinamentos provinham da Academia Real de Artes, que não aceitava mulheres como membros. Além disso, mesmo sem o ensino formal, as mulheres artistas eram incentivadas a trabalhar apenas com temas específicos, como, por exemplo, cenas domésticas e paisagens, o que cerceava a liberdade criativa. As pinturas de artistas femininas eram vistas a partir de uma perspectiva masculina como sendo menos profissionais em termos de técnica e idealização de conceito no processo de criação. Essas pinturas eram tidas para a sociedade apenas como uma representação sentimental e não um processo racional e analisado, assim como todos os outros comportamentos femininos eram julgados. Durante a época, a comercialização de obras de arte tornou-se mais presente, assim como exposições e galerias, que serviam como espaço para divulgação desses trabalhos. Porém, mesmo com os desafios expostos nessa área de atuação, a presença feminina era considerada mais tolerável pela sociedade do que em outras profissões.

Helen, sob o disfarce de sra. Graham, vivencia seu ofício de pintora de maneira plena. Faz pinturas a óleo, e não aquarelas, como se costumava esperar das mulheres. Em suas conversas, discute suas pinturas em termos formais, técnicos e composicionais, muito embora seus interlocutores masculinos teimem em enxergar nas telas apenas a expressão duma atormentada alma feminina (Losano, 2003 apud Cass, 2022).

No centro da narrativa está a profissão de pintora, que é desempenhada por Helen com o intuito de exercer liberdade econômica, mas não só, já que a prática também era realização pessoal. Na obra, as pinturas de Helen são tidas pelas figuras masculinas como uma maneira de expressar seus estados emocionais, de exercer criatividade e de dar vida à realidade em que era tão reprimida pela sociedade e pelo patriarcado na qual ela estava inserida, mesmo que a protagonista discuta seu trabalho em termos eminentemente técnicos. No que tange ao próprio sustento, a protagonista utiliza suas vastas habilidades artísticas para ganhar dinheiro e prover o sustento de seu lar, e é justamente isso que vai contra as convenções sociais da Era Vitoriana, já que, de acordo com Losano (2003), o que deveria ser controlado eram suas habilidades mercantis e não o seu intelecto.

Being a professional artist was rare for women both at the time Brontë wrote the novel and during the 1820s, when the novel takes place. While women were encouraged to

draw as part of their education as accomplished women, they were not encouraged to draw or paint professionally and were barred from attending the Royal Academy of Arts—the institution that trained professional artists in England (Talley, 1964, p. 25).

A importância de exercer uma profissão é mencionada por Helen, que demonstra entusiasmo diante da possibilidade de realizar algo através de si mesma, de sua própria maneira:

I shall have so much more pleasure in my labour, my earnings, my frugal fare, and household economy, when I know that I am paying my way honestly, and that what little I possess is legitimately all my own; and that no one suffers for my folly—in a pecuniary way at least.—I shall make him take the last penny I owe him, if I can possibly effect it without offending him too deeply (Brontë, 1848, p. 331).

A dedicação de Huntingdon em sua profissão de artista, o interesse pela arte e por pintar podem ser observados em toda a narrativa, e esses aspectos são invariavelmente acompanhados pela confiança de Helen em seu próprio trabalho. A protagonista sempre adota um tom que demonstra para os seus interlocutores que, apesar da maneira como a sociedade a enxerga e percebe a profissão de artista sendo desempenhada por uma mulher, ela é convicta de seu profissionalismo e a todo momento busca produzir mais e aprimorar o próprio trabalho.

To our surprise, we were ushered into a room where the first object that met the eye was a painter's easel, with a table beside it covered with rolls of canvass, bottles of oil and varnish, palette, brushes, paints, &c. Leaning against the wall were several sketches in various stages of progression, and a few finished paintings—mostly of landscapes and figures. "I must make you welcome to my studio," said Mrs. Graham; "there is no fire in the sitting room today, and it is rather too cold to show you into a place with an empty grate.(Brontë, 1848, p. 69).

Gilbert, em sua narrativa, não enxerga Helen como uma pintora com trabalhos técnicos e formais, e tenta interpretar suas obras, de certo modo a fim de se provar tão brilhante quanto ela ao compreender a arte de Huntingdon.

In looking round upon the other pieces, I remarked a pretty sketch of Lindenhope from the top of the hill; another view of the old hall, basking in the sunny haze of a quiet summer afternoon; and a simple but striking little picture of a child brooding with looks of silent, but deep and sorrowful regret, over a handful of withered fowers, with glimpses of dark low hills and autumnal felds behind it, and a dull beclouded sky above. (Brontë, 1848, p. 70).

Já Arthur define o trabalho da protagonista da obra como relacionado aos temas comumente tratados pelas artistas mulheres vitorianas. Ademais, ele questiona seu trabalho, e o que pode parecer um simples questionamento, demonstra a maneira como, mesmo sendo uma habilidade tem mais domínio do que ele, o mesmo se considera digno de questionar o porquê de ela não pensar como ele.

"Very pretty, i' faith!" said he, after attentively regarding it for a few seconds—"and a very fitting study for a young lady.—Spring just opening into summer—morning just approaching noon—girlhood just ripening into womanhood—and hope just verging on fruition. She's a sweet creature! but why didn't you make her black hair?" (Brontë, 1848, p. 155).

O fato de não ser reconhecida, além de estar sempre sujeita aos comentários masculinos com relação às suas obras, é uma opressão que a impede de desempenhar o trabalho que tanto a agrada com a naturalidade e leveza possíveis.

It was the portrait of a gentleman in the full prime of youthful manhood—handsome enough, and not badly executed; but, if done by the same hand as the others, it was evidently some years before; for there was far more careful minuteness of detail, and less of that freshness of colouring and freedom of handling that delighted and surprised me in them. Nevertheless, I surveyed it with considerable interest. There was a certain individuality in the features and expression that stamped it, at once, a successful likeness. The bright, blue eyes regarded the spectator with a kind of lurking drollery—you almost expected to see them wink; the lips—a little too voluptuously full—seemed ready to break into a smile; the warmly tinted cheeks were embellished with a luxuriant growth of reddish whiskers; while the bright chesnut hair, clustering in abundant, wavy curls, trespassed too much upon the forehead, and seemed to intimate that the owner thereof was prouder of his beauty than his intellect—as perhaps, he had reason to be;—and yet he looked no fool (Brontë, 1848, p. 71).

Mesmo que o trabalho da artista seja interpretado de maneira errônea pelas figuras masculinas da obra, e que uma dessas personagens masculinas, no caso Gilbert, seja quem, através do fato de ser narrador, dê acesso à protagonista para o interlocutor, em seu diário Helen explicita todas as qualidades técnicas de seu trabalho, como a composição e as cores utilizadas neles.

“It was one I had taken great pains with, and I intended it to be my masterpiece, though it was somewhat presumptuous in the design. By the bright azure of the sky, and by the warm and brilliant lights, and deep, long shadows, I had endeavoured to convey the idea of a sunny morning. I had ventured to give more of the bright verdure of spring or early summer to the grass and foliage, than is commonly attempted in painting. The scene represented was an open glade in a wood. A group of dark Scotch firs was introduced in the middle distance to relieve the prevailing freshness of the rest; but in the foreground, were part of the gnarled trunk and of the spreading boughs of a large forest tree, whose foliage was of a brilliant golden green—not golden from autumnal mellowness, but from the sunshine, and the very immaturity of the scarce expanded leaves. Upon this bough, that stood out in bold relief against the sombre firs, were seated an amorous pair of turtle doves, whose soft sad coloured plumage afforded a contrast of another nature; and beneath it, a young girl was kneeling on the daisy-spangled turf, with head thrown back and masses of fair hair falling on her shoulders, her hands clasped, lips parted, and eyes intently gazing upward in pleased, yet earnest contemplation of those feathered lovers—too deeply absorbed in each other to notice her. (Brontë, 1848, p. 154).

De acordo com Silvia Federici (2017), filósofa e professora italiana que disserta acerca da maneira como o ideal de que o trabalho doméstico era responsabilidade do sexo feminino se

desenvolveu. a ascensão do capitalismo possibilitou impor uma nova divisão sexual do trabalho, que diferenciou não somente as tarefas que as mulheres e os homens deveriam realizar, como também suas experiências, suas vidas, sua relação com o capital e com outros setores da classe trabalhadora. Através dessa afirmação, é pertinente destacar como a divisão laboral entre homens e mulheres propiciou o distanciamento das vivências e ambições. É imprescindível mencionar que, de acordo com Losano (2003, p. 10, tradução nossa), o censo inglês mostrou que, em 1851, 548 mulheres se consideravam oficialmente artistas profissionais, já em 1861 esse número aumentou para 853 e em 1871 o número foi para 1.069. Essa afirmação gera uma reflexão acerca de como esse expoente aumento pode ter sido fundamental para a autonomia econômica das mulheres em questão e, por consequência, de como essa autonomia pode tê-las conferido certa liberdade em relação às suas vidas na dinâmica capitalista, assim como ocorreu com a personagem, que, a partir do momento em que passou a viver de seus próprios ganhos, não precisou mais se sujeitar aos comportamentos abusivos que permeavam sua relação com Arthur durante todo o tempo em que dependia financeiramente dele. Essa emancipação financeira feminina acaba servindo como combustível para mudanças estruturais profundas na sociedade e nos costumes.

Também é valiosamente pertinente a comparação entre Helen e outros personagens masculinos, que não percebem o trabalho como meio de emancipação econômica, já que não necessitam dela. Eles, como Fergus, não tem a mesma percepção da protagonista em relação à carreira, visto que para ele isso não influencia em sua liberdade de vida, por exemplo. Ao contrário de muitos homens indolentes e vadios que povoam o romance, como Fergus, Helen trabalha e tem uma carreira. Pintar é sua vocação, seu ofício e sua profissão, da qual tira seu sustento e torna-se independente de um marido abusivo.

Os homens são capazes de aceitar nossos serviços e tirar proveito disso porque eles presumem que o trabalho doméstico é uma tarefa fácil para nós e que gostamos de realizá-lo, pois o fazemos por amor. Na verdade, eles esperam que nós sejamos gratas, porque, ao casar e viver conosco, eles nos deram a oportunidade de nos expressarmos enquanto mulheres (isto é, servi-los) (Federici, 2019, p. 51).

É relevante mencionar como o trabalho de Helen enquanto artista não pode ser completamente desassociado de sua vida doméstica, assim como de sua relação com o casamento, devido ao fato de que, na condição de mulher e esposa, a personagem se vê coagida a cumprir seus deveres impostos e desempenhar o trabalho doméstico. Caso seu comportamento não fosse correspondente a essas expectativas, corroborando a análise de Federici acerca do trabalho doméstico, isso representaria o equivalente a negar amor a sua família e principalmente

negar diante da sociedade o seu papel como mulher: o de servir. Tais obrigações não permitiam que Huntingdon dedicasse o tempo e entusiasmo desejados a sua arte.

4

O CASAMENTO PARA AS MULHERES VITORIANAS

Ao longo da narrativa, evidencia-se que as opressões do patriarcado na rotina de Helen são muito provenientes do casamento dela com Arthur. A fim de dissecar essas opressões, é essencial compreender a dinâmica dos casamentos na época: as mulheres eram tidas como uma extensão de seus maridos e, por esse motivo, não havia uma maneira legal de reivindicar seus próprios direitos. Consequentemente todos os bens e propriedades que pertenciam a uma mulher passavam a pertencer ao marido após o casamento. As consequências dessa dinâmica para as esposas eram diversas, já que elas eram sempre dependentes economicamente de seus maridos, o que, em uma sociedade capitalista, é uma maneira de controle. Essa estrutura de controle econômico permitia que os homens se comportassem de maneira violenta e abusiva com seus cônjuges sem que houvesse consequências.

Bringing to life a particularly nasty marriage, Brontë examines Victorian women's predicaments in a patriarchal society where the legal system was designed to privilege the men in power. Laws that defined women to be men's property or parts of their persons after marriage, a belief called coverture, were especially difficult. The laws of coverture during both the 1820s action in the novel and 1840s writing of *Tenney* saw wives only as the extension of the husband in marriage. Thus, a wife could not sue (or be sued), control her own property, or enter into a contract (Wright 178, n.10). The lack of individual legal status for women was a particularly serious issue for a woman in an abusive marriage, as husband and wife were viewed as a single person under law: a man with "property." Since one cannot sue oneself or charge oneself with a crime, the abused wife was left with no legal recourse either. Even monies earned independently by the wife were considered the husband's. In social terms, ideas of coverture affected reputation as well, since the husband's bad behavior automatically reflected upon the wife (Talley, 1964, p. 20).

Como a maioria dos casamentos da época vitoriana, a união da protagonista a Arthur se manteve por propósitos econômicos e sociais. Essa dinâmica, que pode ser considerada como regra e não como exceção, foi observada e muito bem definida por Júlia Braga Neves em "The Sins of The Cities of The Plain: Perversões, Pornografia e Homossexualidade na Londres Vitoriana".

É quase impossível falar da era vitoriana sem ao menos mencionar as questões de gênero e sexualidade que perpassam a cultura e a sociedade da época. Como se sabe, as normas de gênero eram calcadas em papéis sociais um tanto limitados: mulheres deveriam se submeter à vida doméstica e ao casamento; os homens eram encarregados de sustentar e controlar suas famílias a fim de garantir respeitabilidade social. É claro que essas normas moldavam a vida das pessoas e ditavam as regras que deveriam ser seguidas, o que podemos observar no cunho moralista dos romances, da imprensa e de outras publicações do período (Neves, 2022, p. 131).

Em dado momento, o marido de Helen afirma que não receberá ordens de uma mulher, mesmo que ela seja sua esposa. Essa afirmação de Arthur demonstra como, através de uma perspectiva patriarcal, embora fosse sua esposa e com quem supostamente mantivesse um laço afetivo, de proximidade e intimidade, a condição de mulher de Helen, assim como de qualquer outra, se sobrepunha à sua qualidade de esposa, tornando-a inferior em qualquer relação com um homem. A partir dessa fala, entende-se que Helen teria o papel apenas de obedecer, mas ao tomar as rédeas de seu destino ela reverte essa lógica.

You are breaking your marriage vows yourself,” said he, indignantly rising and pacing to and front. “You promised to honour and obey me, and now you attempt to hector over me, and threaten and accuse me and call me worse than a highwayman. If it were not for your situation Helen, I would not submit to it so tamely. I won’t be dictated to by a woman, though she be my wife (Brontë, 1848, p. 214).

A ameaça de Helen a Arthur demonstra que, ao contrário do que a sociedade pregava, ela não acredita que o trabalho doméstico é uma obrigação. Apesar de administrar o lar e se ater aos detalhes da criação de seu filho, a protagonista não recebe nada em troca, e então demonstra estar muito à frente de seu tempo ao verbalizar que seu trabalho doméstico não é remunerado, além de ousar não cumprir com esses deveres. Essa atitude comprova a natureza progressista da protagonista, que indica conhecer as atribuições de uma esposa dentro do casamento, ao passo que começa a questionar suas obrigações dentro desse pacto em que ela não é beneficiada, mas é a todo momento sujeita a agradar. No futuro, essa ameaça se concretiza, e Helen deixa de cumprir com os serviços impostos a ela.

“I must contrive to bear with you you mean,” said I, “for as long as I discharge my functions of steward and housekeeper, so conscientiously and well, without pay and without thanks, you cannot afford to part with me. I shall therefore remit these duties when my bondage becomes intolerable.” This threat, I thought, would serve to keep him in check, if anything would (Brontë, 1848, p. 214).

Para Federici (2017), a crença de que o trabalho doméstico era responsabilidade do sexo feminino se desenvolveu devido ao fato de que, para o sistema capitalista se sustentar, era necessário que uma parcela da população fosse mais explorada que as demais, e, nesse caso, eram as mulheres. Como ocorreu a construção do ideal de que o trabalho doméstico deveria ser conferido às mulheres porque era o natural, a sua não realização gerava culpa. Além disso, essa função de administradora do lar não deveria ser remunerada de acordo com as convenções sociais, já que foi por muito tempo associada ao amor que as esposas tinham por sua família e ao cumprimento de suas obrigações conjugais.

A diferença em relação ao trabalho doméstico reside no fato de que ele não só tem sido imposto às mulheres como também foi transformado em um atributo natural da psique e da personalidade femininas, uma necessidade interna, uma aspiração, supostamente vinda das profundezas da nossa natureza feminina. O trabalho

doméstico foi transformado em um atributo natural em vez de ser reconhecido como trabalho, porque foi destinado a não ser remunerado (Federici, 2019, p. 42).

A percepção de que seus deveres eram mais importantes do que sua carreira como artista é externalizada por Helen quando ela menciona que seu trabalho foi interrompido por seus cuidados com o filho. É pertinente notar como essa situação não era passível de acontecer com um homem porque o ato de colocar a esfera doméstica – pais, filhos, marido – acima da esfera laboral era inerente ao que se esperava do comportamento feminino.

Here, then, I set up my easel, and here I worked at my canvass from daylight till dusk, with very little intermission saving when pure necessity, or my duties to little Arthur called me away—for I still thought proper to devote some portion of every day exclusively to his instruction and amusement (Brontë, 1848, p. 301).

Os estereótipos estabelecidos e constantemente reproduzidos dentro do casamento acabavam por influenciar também a dinâmica familiar entre pai e filho, em razão do ambiente doméstico ser predominantemente pertencente às mulheres. Os pais mantinham uma relação distante com seus filhos e raramente tinham conhecimento acerca da educação e criação das crianças.

Recent research on Victorian parenting has provided a more nuanced view of the stereotypes of the mother as ‘angel in the household’ and the stern, patriarchal, distant, father. In fact it appears that there were competing models of parenthood and a wide variety of experiences and customs (Talley, 1964, p. 31).

Mesmo com essa ausência de participação, após uma separação, as mulheres não tinham acesso aos seus filhos, já que a custódia ficava com o pai. Essa conduta fazia com que as mulheres hesitassem antes de se separar, visto que seriam obrigadas a se afastar de seus filhos, o que gerava um sentimento de culpa, pois os filhos cresceriam sem o cuidado materno, ainda que esse afastamento não fosse uma escolha e sim uma imposição.

Para a sociedade, condicionar a relação materna ao casamento era uma forma de coagir as mulheres a permanecerem neles, mesmo quando isso violava até mesmo sua integridade física e mental e também a de seus filhos, uma vez que para muitas a relação materna era inegociável.

Like wives, children, too, were believed to be the husband’s property. Not until 1839 with the passage of the Infant Custody Act did women have access to their children after separation. Specifically, the act granted mothers “a limited right to petition the courts for access to their children over age seven and custody of children under age seven”; even this, however, outraged some who called it the “Robbery of Fathers Act” (Wright 213). And, although this act was overruled later by the divorce law of 1857 which granted women far more rights than this act, conventional wisdom asserts it was the passage of the Infant Custody Act that began to chip away at the laws of coverture. Practically speaking, however, this was not the case. Through the 1850s, “physical violence to wives and children, neglect leading to illness or near starvation, irreligion, much less alcoholism, gambling, adultery, and swearing did not bring down on an errant father the state’s moral censure necessary to deprive him of contact with

his children” (Wright 233). A father could even be imprisoned and still retain custody of his children (Talley, 1961, p. 20).

Em paralelo a isso, Federici discorre acerca de como as mulheres são definidas para realizar o chamado “trabalho emocional”, onde as emoções femininas são necessárias como forma de conforto em uma estrutura familiar. A necessidade do patriarcado por essas emoções, que eram providas pelas mulheres também como forma de trabalho ao longo do tempo, gerou comportamentos como a Lei de Custódia, mencionada anteriormente, já que ela dificultava que uma mulher deixasse de cumprir com esse dever emocional para com a sua família.

A análise de Hochschild não deixa dúvidas de que as mulheres são os sujeitos centrais do trabalho emocional e que, embora isso seja um trabalho remunerado para atender o público, trata-se, em essência, de um trabalho que as mulheres sempre fizeram. Como ela aponta, na falta de outros recursos e dependendo financeiramente dos homens, as mulheres sempre transformaram suas emoções em valores (ativos), dando-os aos homens em troca dos recursos materiais que elas não possuíam. Nas palavras de Hochschild, a ascensão do setor de serviços incrementou a sistematização do trabalho emocional, além de sua padronização e produção em massa, mas sua existência ainda capitaliza no fato de que as mulheres, desde a infância, são treinadas para ter uma relação instrumental com suas emoções (Federici, 2019, p. 342).

Helen sofria, ainda, com violências físicas e psicológicas em seu cotidiano. Por ser seu marido, Arthur a encarava como uma propriedade e por isso pensava ter o direito de machucá-la.

He keeps me night and day beside him. He is holding my left hand now, while I write; he has held it thus for hours: sometimes quietly, with his pale face upturned to mine: sometimes clutching my arm with violence—the big drops starting from his forehead, at the thoughts of what he sees, or thinks he sees before him. If I withdraw my hand for a moment, it distresses him (Brontë, 1848, p. 347).

A violência que permeia a relação entre Arthur e Helen pode ser mais bem compreendida e mais passível de indignação através de percepções externas e, algumas vezes, até atuais, visto que, como citado anteriormente neste trabalho, a violência masculina não era penalizada na época da obra.

She is married to a man of family and fortune, to whom she chose to link herself against the wishes of her friends, and who speedily turns out a sensual brute of the most intolerable kind, and treats her with every indignity, insult, and ill-usage which can be conceived, short of actual personal violence. Her diary is the record of what she endured at his hands, and details with offensive minuteness the disgusting scenes of debauchery, blasphemy, and profaneness, in which, with a herd of boon companions, he delighted to spend his days (Unsigned..., 1964, p. 436).

Helen convive com essas violências, inclusive sendo chamada de “garota boba” por seu marido, porém, é interessante notar como a protagonista, apesar de ter ciência da conduta e comportamentos de Arthur antes de casar-se com ele, pensou que isso não a afetaria da maneira que afetou, com violências e opressões presentes em seu cotidiano.

So let me dismiss that thought at once. But Arthur is selfish—I am constrained to acknowledge that; and, indeed, the admission gives me less pain than might be

expected; for, since I love him so much, I can easily forgive him for loving himself: he likes to be pleased, and it is my delight to please him,—and when I regret this tendency of his, it is for his own sake, not for mine (Brontë, 1848, p. 188).

Com isso, é mostrado como Helen mudou sua percepção acerca de Arthur e de como deveria ser tratada pelo marido. Seus direitos e o fato de ser respeitada passaram a ser inegociáveis para ela. Antes, agradar o marido era tido como um prazer para a protagonista, mas ao perceber que ele a tornou uma prisioneira dentro do casamento, ela vai em busca de sua libertação.

I know that day after day such feelings will return upon me: I am a slave, a prisoner—but that is nothing if it were myself alone, I would not complain, but I am forbidden to rescue my son from ruin, and what was once my only consolation, is become the crowning source of my despair (Brontë, 1848, p. 312).

O reconhecimento da hierarquia presente em seu casamento com Arthur, assim como a compreensão acerca de seu sentimento de insatisfação diante dos acontecimentos que se seguiram, devem ser destacados, pois foram o que impulsionou o processo de mudança de Helen para uma vivência mais independente. Em paralelo aos dias atuais, de acordo com Federici (2019), também ocorre um processo de libertação masculina quando as mulheres se posicionam contra a dinâmica capitalista existente, pois são elas, em uma posição servil, como escravas (assim como Helen se refere), que sustentam esse sistema.

Somente quando milhares de mulheres saírem às ruas dizendo que é um trabalho duro, odioso e desgastante realizar tarefas intermináveis de limpeza, estar sempre emocionalmente disponível, ser coagida a transar para não perder o emprego, é que eles terão medo e se sentirão enfraquecidos como homens. E, no entanto, isso é o que de melhor poderia acontecer a eles, segundo seu próprio ponto de vista, porque, ao expor a forma pela qual o capital nos manteve divididos (o capital os disciplinou por meio de nós e nos disciplinou por meio deles, um contra o outro), nós — suas muletas, suas escravas, suas correntes — abrimos o processo de sua libertação. (Federici, 2019, p. 52).

Quando volta para cuidar de Arthur no fim da obra, Huntingdon se mostra consciente de que deve se apresentar mais firme com ele, a fim de que a situação de saúde em que ele se encontra não faça com que ela fique novamente em um lugar de obediência, assumindo que isso seria, para ela, uma fraqueza.

Now also, his appetite for food is beginning to return; and here too, his long habits of self-indulgence are greatly against him. I watch and restrain him as well as I can, and often get bitterly abused for my rigid severity; and sometimes he contrives to elude my vigilance, and sometimes acts in open opposition to my will. But he is now so completely reconciled to my attendance in general that he is never satisfied when I am not by his side. I am obliged to be a little stiff with him sometimes, or he would make a complete slave of me: and I know it would be unpardonable weakness to give up all other interests for him. (Brontë, 1848, p. 364).

Mesmo que não tenha se dissociado por completo de Arthur, Helen consegue através de suas atitudes e busca por autonomia presentes ao longo do romance, manter uma relação com ele em que ela não é mais controlada, mas sim toma as rédeas de como quer que essa relação se estabeleça entre eles.

5

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É interessante pensar a maneira como o sistema capitalista demorou para permitir que as mulheres tivessem algum meio de sustento, apesar de elas estarem sendo cada vez mais incluídas na sociedade. Quando houve essa permissão, no entanto, as mulheres foram sistematicamente distraídas de seus objetivos devido ao tempo designado para o trabalho doméstico não remunerado. De acordo com Federici (2017), o casamento não é apenas relacionado ao amor, mas também é uma espécie de solução econômica.

É também importante ressaltar como a única forma de se libertar das diversas violências que sofria por parte de seu marido foi se dissociar por completo dele e buscar independência econômica através de sua arte. Em *A Senhora de Wildfell Hall*, o leitor acompanha a libertação de Helen, que inicia a obra representando uma mulher completamente dentro dos padrões impostos às mulheres pela sociedade, mas que ao longo da narrativa demonstra não estar de acordo com essas regras e passa a romper com o papel que lhe era atribuído.

Outro ponto que merece ser mencionado é como até mesmo o interesse amoroso da protagonista separava a mulher da artista, mostrando que ela nunca seria compreendida verdadeiramente por um homem, por mais que não fosse um homem que cometia abusos contra ela. Seus anseios e dores são intrinsecamente femininos, e é apenas a emancipação econômica que tem a capacidade de libertá-la de algumas de suas amarras. Apesar das profundas críticas vocalizadas à sujeição da mulher, Helen muitas vezes se conforma às expectativas vitorianas como, por exemplo, quando, ao final da obra, volta para cuidar de Arthur.

É interessante notar como a sociedade permite que as mulheres participem dela, mas é imposto um limite pelo patriarcado que não pode ser cruzado, suas funções e atribuições são muito bem estabelecidas. Porém, Anne Brontë é implacável em retratar na obra a situação das mulheres na época vitoriana a partir de uma perspectiva feminina e progressista. *A Senhora de Wildfell Hall* é um romance tão importante para a literatura inglesa, pois, de certa maneira, a personagem Helen mudou a forma que as mulheres eram representadas na literatura, assim como a abordagem utilizada pelas autoras também se alterou. Brontë se valeu da tradição britânica de fazer críticas sociais e políticas através de seus romances, e, portanto, a obra consegue, de acordo com Cass em *Vitorianos: contradições e desdobramentos* (2022), diluir as fronteiras entre o literário e o não literário.

Nesse sentido, a obra permanece tratando de temas contemporâneos, já que a valorização da mão de obra feminina ainda é uma questão abordada atualmente pela sociedade civil e por políticos, assim como as funções das mulheres dentro da instituição que é o casamento, o trabalho doméstico não remunerado e também a emancipação e a liberdade de se destacar em áreas que tradicionalmente são dominadas por homens. No mês de Julho de 2023, no Brasil, foi sancionada a Lei 14.611/2023 com o intuito de garantir a igualdade salarial entre homens e mulheres, e na Argentina ocorreu, por parte de um decreto do governo, o reconhecimento da dupla jornada de trabalho feminino para o cálculo da aposentadoria das mulheres. De certa maneira, o exposto acima faz com que seja muito mais difícil para mulheres estarem em uma situação de equidade de gênero.

REFERÊNCIAS

- BRONTË, Anne. **The Tenant of Wildfell Hall**. Londres: T.C NEWBY, 1848.
- CASS, Thiago Rhys Bezerra. Inquilinas do Romance? De Aphra Behn a Anne Brontë, Via Nísia Floresta. *In*: MONTEIRO, Daniel Lago *et al.* (org.). **Vitorianos: contradições e desdobramentos**. São Paulo: Liber Ars, 2022.
- FEDERICI, Silvia. **Calibã e a Bruxa: Mulheres, corpo e acumulação primitiva**. Tradução de Coletivo Sycorax. São Paulo: Elefante, 2017.
- FEDERICI, Silvia. **O Ponto Zero da Revolução: Trabalho doméstico, reprodução e luta feminista**. Tradução de Coletivo Sycorax. São Paulo: Elefante, 2019.
- LOSANO, Antonia. **The Professionalization of the Woman Artist in Anne Brontë's The Tenant of Wildfell Hall**. *Nineteenth-Century Literature*, vol. 58, nº 1, 2003.
- NEVES, Júlia Braga. The Sins of the Cities of the Plain: Perversões, Pornografia e Homossexualidade na Londres Vitoriana. *In*: MONTEIRO, Daniel Lago *et al.* (org.). **Vitorianos: contradições e desdobramentos**. São Paulo: Liber Ars, 2022.
- RICHARDSON, Sarah. **The political worlds of women: gender and politics in nineteenth century Britain**. **New York**: Routledge, 2013.
- TALLEY, Lee A. Introduction. *In*: BRONTË, Anne. **The Tenant of Wildfell Hall**. Edited by Lee A. Talley. Canada: Broadview Editions, 1964. p. 9-33.
- UNSIGNED Review, *Rambler* Vol. III (September 1848): 65–66. Appendix B: Contemporary Reviews. *In*: BRONTË, Anne. **The Tenant of Wildfell Hall**. Edited by Lee A. Talley. Canada: Broadview Editions, 1964. p. 435-437.